

\*

Ofereci ao Museu Etnológico Português os seguintes objectos: o capitel iónico, o fragmento de inscrição, os bocados de estuque com pintura a fresco, vários fragmentos de ânforas e a pequena lança oxidada.

Ofereci também ao Museu (em formação) da Universidade Popular Portuguesa: um pêso de barro e vários fragmentos de ânforas e de outros vasos<sup>1</sup>.

Reservei portanto para a minha modesta colecção: o tijolo grande de sepultura, que é semelhante aos que estão no Museu Etnológico Português provenientes da mesma estação arqueológica, e o fragmento do prato com sulcos circulares<sup>2</sup>.

Quêluz, 12 de Maio de 1920.

JORGE DE ALMEIDA SEGURADO.

### Coisas Velhas

(Vid. *O Arch. Port.*, xxiii, 356-369)

#### 110. Excursão arqueologica pela Beira Alta e Baixa

As notas que se seguem foram tomadas em Agosto e Setembro de 1896, em que andei pela Beira-Alta e Baixa (carteiras LXIV a LXVI)<sup>3</sup>. De excavações que fiz em *orcas* ou dolmens falei noutros lugares do *Archeologo*; agora só trato de cousas avulsas. Deixo também de mencionar muitas observações dialectologicas e etnograficas, que fiz: esses assuntos não pertencem aqui.

a) Sepultura da Quinta do Mosteiro (Penalva do Castelo):

Numa encosta sobranceira ao Rio-Dão frêguesia dos *Trancosêlos* (assim ouvi pronunciar), concelho de Penalva do Castelo, ha uma quinta chamada *do Mosteiro* ou *do Mosteirinho* (diz-se dos dois modos), cuja casa a tradição reza ter sido um mosteiro. Estive lá em 19 de Agosto, em companhia do meu amigo o Rev.<sup>do</sup> José de Almeida

<sup>1</sup> Também pela mesma ocasião ofereci ao mesmo Museu, provenientes do dólmen do Montalvão (Belas), diversos ossos humanos (das mãos e crânio e um fragmento de costela) encontrados numa pequena excavação a que procedi acompanhado do meu colega e amigo Eugénio Correia.

<sup>2</sup> [Acêrca das dificuldades que ha em identificar *Cetóbriga* em Tróia vid. o que escrevi n-*O Archeologo*, I, 62.—J. L. DE V.]

<sup>3</sup> Cf. uns artigos que publiquei na *Gazeta da Figueira* de Setembro-Outubro de 1896, e na *Folha* (Viseu) de 26 de Janeiro de 1902.

e Silva, de Casal-Diz, hoje falecido. D'este mosteiro fala Viterbo, *Elucidario*, s. v. «Sepulcro», e conta que ele pertencêra a Conegos da Ordem do Sepulcro<sup>1</sup>, acrescentando que o mosteiro se encor-



Fig. 108

porou depois no de Agoa-Santa, e tudo passou no sec. xv ou xvi para a Ordem de Malta<sup>2</sup>. Junto da casa de habitação existe uma capela antiga, de portas ogivais (duas), ao presente transformada em loja, e nela vi uma sepultura rasa que tinha a tampa que represento na fig. 108: a cruz cantonada por quatro parece que escudetes: em baixo, á esquerda do observador, um sino-saimão (á direita é provavel que houvesse outro, porém a pedra está safada naquele ponto).

Num monte alto, sobranceiro a esta capela, ha rochedos com excavações, que o povo explica, dizendo que passou por ali Nossa Senhora, e deixou vestigios no lugar em que esteve sentada; da burrinha em que ela ia, ficou tambem a pègada. Á primeira d'estas excavações chama-se ainda *O assento de Nossa Senhora*.

b) Nome antigo do rio Dão:

Os nomes antigos do rio Dão são *Adon* e *Dom*. O primeiro figura em um documento do sec. x<sup>3</sup>. No *Elucidario* de Viterbo, 1.<sup>a</sup> ed., t. II, p. 314, lê-se «na margem do rio *d'Om*»: em vez de *d'Om* podia Viterbo ter escrito *Dom*. Esta fórma *Dom* escreve-se ainda hoje, estereotipada num composto: *Ponte-Dom* (por «Ponte do Dom»), nome de uma ponte do rio Dão, perto de Cezures (Penalva do Castelo). É curioso que ha um rio chamado *Dinho* ou *Dinha* (ouvi dos dois modos, não sei qual é o exacto), afluente do Dão, nome que é certamente deminutivo de *Dão*<sup>4</sup>. Conheço até um proverbio ou dito:

Entre o rio Dinho e o Dão  
Ha um rio em que todos tem quinhão ...

este ultimo rio é o *d'Asnos*, que corre na frèguesia de Coitos, concelho de Viseu. O ditado é pois muito satirico, e baseado num tro-

<sup>1</sup> Se houve ou não em Portugal Cavaleiros da Ordem do Sepulcro, é duvidoso: vid. Gama Barros, *Hist. da administ. publ.*, I, 374, e n. 5. Viterbo, porém, fala de *Conegos*, e não de *Cavaleiros*. Cf. tambem G. Barros, *ibidem*.

<sup>2</sup> *Elucidario*, *ibidem*.

<sup>3</sup> *Diplomata et Chartae*, n.º 114, linha 20 e 23. Fala-se aí da *villa*, isto é, da extensa «quinta» de *Sancta Columba*, que chega *usque in ribulo Adon*, *usque in foz ribulo Adon*. A foz d'este rio é no Mondego, e *Sancta Columba* deu origem ao moderno nome de *Santa Comba-Dão*.

<sup>4</sup> Por *\*Dainho* > *\*Deinho*.

cadilho. Também os Hespanhoes dizem que de *médico, poeta y loco* || *todos tenemos um poco!* Arqueologia, Filologia, Etnografia são por vezes sciencias inseparaveis: d'uma passa-se insensivelmente para as outras.

c) Campos de Esmolfe (Penalva do Castelo):

Aparecem por aí machados de pedra polida: tres me deu o S.<sup>or</sup> João Patricio de Albuquerque e Castro: vid. figs. 109 a 111, respectivamente de 0<sup>m</sup>,12, 0<sup>m</sup>,105 e 0<sup>m</sup>,085 de comprimento <sup>1</sup>.

Aparecem também, ao que me dizem, muitos fragmentos de telhas e de alguidares grossos, e *mòzinhas* (isto é, *molae manuariæ*).

No lugar de Esmolfe ha sepulturas abertas em rocha.



Fig. 109



Fig. 111



Fig. 110

Temos, assim seguidas, tres civilizações: pre-romana, romana, cristã-medieval.

d) «Vestigium» ou pègada de Cristo:

Vi em Esmolfe, e obtive para o Museu Etnologico, uma fôrma de pé, de cartão, que vai desenhada na figura 112. Está coberta de seda por um lado, e tem ao centro, entre as imagens de N. Senhora e S. João, a de Cristo pregado na cruz, e em volta, em duas linhas: VESTIGIUM D. N. JESU. C. || IN MONTE OLIVETI. Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 232.

e) Senhora das Verdes:

Junto da capela da Senhora das Verdes, frèguesia de Forninhos, concelho de Trancoso, vi sepulturas abertas em rocha, de fôrma trapezoidal: fig. 113.

f) Casa d'Orca de Aldeia Velha:

Ouvi dizer que ao pé da quinta de *Alcudra*, em Aldeia Velha,

<sup>1</sup> O 3.<sup>o</sup> está incompleto — falta o tópo oposto ao gume.

frêguesia de Aldeia Nova, concelho de Trancoso, ha uma *casa d'orca*, isto é, um «dolmen», de que só restam os esteios. Por estes sitios chamam aos dolmens *orcas* ou *casas d'orca*.

g) Casa d'Orca de Carapito:

Na margem esquerda do rio de Carapito, frêguesia do mesmo nome, antigo concelho de Aguiar da Beira, hoje de Trancoso, ha outra *casa d'orca*, ao que ouvi, e muito grande. Em frente fica uma varzea e um caminho paralelo ao rio.

h) Pelourinho da Matança:

A Matança é uma povoação do concelho de Fornos de Algodres. Foi vila antigamente, e ainda se lá mostra a *casa da câmara*, e o pelourinho, de que dou um esquema na fig. 114: a parte superior, que em alguns tem fôrma de gaiola, e outras, tem aqui a de lanterna.

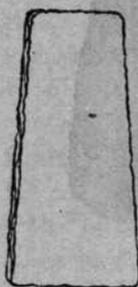


Fig. 113



Fig. 112



Fig. 114

i) Inscrições de Enfias:

Na frontaria da igreja de Enfias ou Infias, á esquerda da porta principal, ha uma inscrição romana gravada numa pedra de granito. Copio-a ao lado, e já a transcrevi tambem nas *Religiões*, III, 273.

Se a torno a publicar aqui, é porque a transcrição que fiz naquela obra foi literaria, e não epigrafica, quero dizer, não reproduzi a clausula, como está, com os pontos separativos, mas dei apenas a interpretação: *a(nimo) libens) r(otem) s(olvit)*. Na 2.<sup>a</sup> linha falta *O*, porque não coube; o lapicida não quis destruir a simetria das linhas, passando-o para a 3.<sup>a</sup>, e preferiu fazer a abrevitura.

A proposito de uma casa da mesma povoação diz uma noticia do sec. XVIII que ha lá «hũa pedra que tem hum letreyro que por antigo se nam sabe ler»: n-*O Arch. Port.*, v, 27. Esta pedra a vi tambem na minha excursão: estava numa casa de José Chagas, e tempos depois obtive-a para o Museu Etnologico, onde hoje se encontra.

Publico-o aqui ao lado. O texto diz:

(Diis) M(anibus) S(acrum). Marcus Marcini f(ilius), an(orum)

LX. Cilea uxor . . . A pedra está quebrada em baixo, e parece que ha lá o principio de uma letra (F). Na 4.<sup>a</sup> linha está N por A'. O estar por extenso o prenome Marcus, contra os habitos, não é caso raro: vid. Corpus, II, 19 (Quintus), 1485 (Lucius) etc. Esta inscrição vem já no Corpus, II, 426, porém não se alude á linha falha no fim. Altura da pedra 0<sup>m</sup>,50, largura 0<sup>m</sup>,40; altura das letras 0<sup>m</sup>,061.

j) Quinta da Alagoa:

Na Quinta da Alagoa, frêguesia de Algôdres, concelho de Fornos, ha, ao que me disseram, «pedras com letras». Não sei se isto será letreiro, se insculptura.

k) Antighalhas da Matança, e fonte:

Além do quê já disse:

Na Matança appareceu um denario de Augusto, e apparecem frequentemente fragmentos de tegulas.

Num pateo de uma casa ha uma pedra com inscrição romana difficil de ler, por estar gasta: fig. 115, a pedra tem de altura 0<sup>m</sup>,86

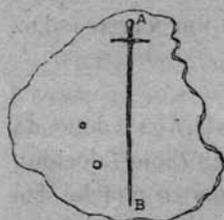


Fig. 111



Fig. 115

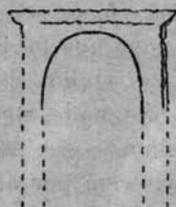


Fig. 116

e de largura 0<sup>m</sup>,45. Na 1.<sup>a</sup> linha nada percebo, embora aí haja restos de letras; na 2.<sup>a</sup> só percebo um ponto; na 3.<sup>a</sup> as ultimas tres letras são duvidosas; na linha 7.<sup>a</sup> a ultima letra é tambem duvidosa. Esta inscrição refere-se a duas pessoas sepultadas no local onde a pedra esteve primitivamente: da parte respectiva à primeira pessoa só resta «XXV» (a idade); a segunda pessoa era *Camira*, de 16 anos de idade. Se os II da 4.<sup>a</sup> linha pertencem ao nome, este está em genitivo, CAMIRAIH = *Camirae*, e o que se segue (TAL? por *Talavi*?) é o começo do nome do pai. Na 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> linha temos TONGETA ARANTO(ni?) . . As palavras *Camira* e *Tongeta* são muito conhecidas da epi-

grafia iberica. No *Corpus II*, 453 (Capinha), ha ARANTONI, com abreviatura, que podemos supôr genitivo de *Arantonius* (e não flexão de *Aranto*, como traz Holder, *Alcelt. Sprachsch.*, s. v., e Hübner, *Mon. ling. Iber.*, p. 255). Os nomes são indigenas, e temos pois aqui vestígios de civilização preromana.

A fonte pública da Matança tem o aspecto que represento na fig. 116, vid. a da Silvã na fig. 124.

l) Cortiçô d'Algôdres:

No sitio da Lage Alta<sup>1</sup> ha um «penedo com uma espada», diz o povo. Fui lá e copiei o que se vê na fig. 117.

Fica a pouca distancia de uma orca, que explorei na mesma occasião.

Por baixo da «espada» ha duas *covinhas*. Não será cruz, porque as cruces costumam ter menor a haste; será realmente espada. O comprimento de *a-b* é 1 metro.

m) Quinta da Aveleira:

Na Quinta da Aveleira ou *Aboleira*, a 1 ou 2 kilometros da orca de Cortiçô d'Algôdres, appareceram numa baixa muitos cacos antigos,

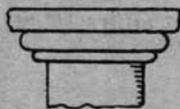


Fig. 118

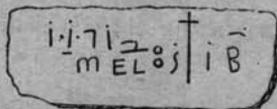


Fig. 120

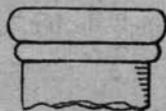


Fig. 119

uma «fonte sêca», e um «martelo» e «tanazes» de um ferreiro. Diz o povo que foi lá a cidade de *Alpedrinha*.

n) Quinta de Gôje:

Segundo me disse o S.<sup>or</sup> Antonio de Magalhães, dono da quinta, e que muito me obsequiou na minha excursão (hoje falecido), apparecem por ai com frequência tegulas (fragmentos) e moedas romanas. Tambem appareceu uma especie de pia achatada, de calcareo, e dois capiteis, figs. 118 e 119. A pia ofereceu-m'a ele para o Museu Etnologico.

o) Silvã (antigualhas):

Ao cimo do local onde se faz a feira da Silvã vi um penedo granitico em que se insculpiu uma inscriçãõ que parece conter a palavra *Melo* (cf. infra): fig. 120. Na parte superior do penedo vê-se um orificio, como para espetar ai uma cruz.

No lugar ha um cruzeiro com a cruz de Avis.

<sup>1</sup> Isto é: *Laije Alta*. Assim ouvi pronunciar.

Ao pé de uma casa, que dizem ser da cadeia, ha uma coluna que represento na fig. 121. A casa tem uma inscriçãõ que diz o que se lê na fig. 122; a mesma casa tem num dos angulos um brasão d'armas.

Numa vinha, proximo da Silvã, ha o resto do *castelo da Silvã*, que consiste hoje apenas numa parede que represento na fig. 123. Este *castelo* era de certo apenas uma «torre», como a de Gandufe (Mangualde), de que dei uma vista n-*O Arch.*, xx, 73.

Na mesma localidade da Silvã vi uma fonte «de poço», como várias vezes se encontra na Beira: é de caracter monumental; vid. fig. 124.

A Silvã divide-se em *Silvã de Cima*, de cabanas de tecto conico, e *Silvã de Baixo*, a mais nobre das duas.

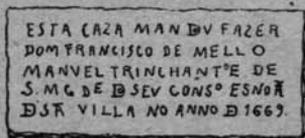


Fig. 122

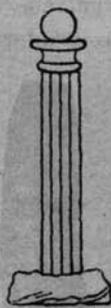


Fig. 121

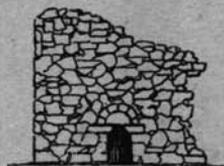


Fig. 123

A uns hectometros da Silvã, em direcção ao Avelal, encontrei num mato fragmentos de tegulas.

p) Orcas:

Tanto em Lamas, onde pousei, como noutras terras vizinhas de Castendo, ouvi sempre dizer «uma orca», «havia ali uma orca» etc.: d'onde se vê que *orca* pertence á lingua comum, sinonimo de «dolmen» e de «anta». *Dolmen* é termo scientifico, da linguagem internacional; *orca* e *anta* são termos da nossa linguagem popular, aquele da da Beira, este da do Alentejo.

Ouvi dizer que na Serra da Nave, indo de Ariz para Alvito, havia, pelo menos, uma orca; e parece que ha mais por lá. Ouvi tambem dizer que havia outra ao pé de Touro, concelho de Sátão; outra no sitio dos Carris, entre Frágoas, Covêlo de Paiva e Queiriga (na estrada de Barrelas a Viseu); outra no Val-d-Uz ou Us, entre Queiriga e Barrelas; outra na Fraga das Antas (serra), ao poente da Queiriga, chamada pelo povo *orquinha*<sup>1</sup>; duas ao pé do Cruzeiro do Zonho;

<sup>1</sup> Vê-se que tambem por aqui houve o nome geral de *anta*, estereotipado agora no onomastico. A ele se sobrepôs o nome local de *orca*.

outra ao Auganais; outra ao cimo do Estreito; duas no Campo-Bem-feito; outra na Cova do Veiro: todas estas últimas sete perto de Queiriga; outra no Val da Serra, ao pé de Cas-Freires; outra no Marroio, ao cimo de Barrelas; outra no Pontão, abaixo de Barrelas, ao pé do rio Paiva; outra ao pé de Pendilhe (Vila-Cova-á-Coelheira). Nos arredores de Lamas, e Queiriga, concelho de Cãtão, ha bastantes, que explorei, e cujos espolios estão no Museu Etnologico.

Da etimologia de *orca* tratei nas *Religiões*, I, 254, n. 5.

g) Machados de bronze:

Em Rio de Moinhos ha um individuo chamado José de Carvalho, que possuiu um, — talvez achado por ali. — Na Quinta do Paço, limite das Lamas, appareceram em 1870 muitos machados de argola, mais de uma duzia. Alguns venderam-nos para fundidores de Viseu,



Fig. 124



Fig. 126

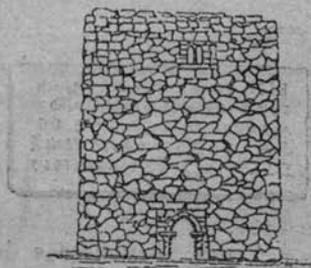


Fig. 125

outros dispersaram-nos. Não vi nenhum, mas pelas miudas informações que colhi, não ha dúvida que eram machados de argola. Certamente constituiram um *ripostiglio* ou «tesouro» de fundidor ou de negociante.

r) Lamas:

Pelo campo apparecem muitos fragmentos de tegulas e pesos de barro romanos; tambem appareceu uma vasilha de barro antiga, do tipo que o povo chama *padela*, vasilha que de certo era romana. — *Padela* é uma «caçoila grande»: o etimo está no lat. *patella*.

s) Torre do Paço:

Fica ao pé das Lamas. Tem quatro faces: na da frente há uma porta e um postigo geminado; em cada uma das outras há tambem postigo. Porta e postigos são ogivais; aquella ornamentada de «bolas» ou esferas. O postigo da frente fica um pouco ao lado da linha da porta, vid. fig. 125. Por dentro divisa-se ainda a certa altura o sitio em que se fixavam as traves, para se formar uma sala. Com a torre ligava-se uma muralha, de que resta parte. — Á torre andam

anexas lendas de Moiros e de uma Viscondessa. Deixo-as para outro lugar.

t) VILA-BOA:

Num monte, ao cimo dos Ourivos, limite de Dessermilo, aparece telha grossa, como a romana, e escumalha. Tambem há por ali campas abertas em rocha.

u) COVA DE MOURA:

Nos Calhaus de Marrôio, acima de Barrelas, indo para o Touro, dizem que aparecem lá «muitas coisas» (entenda-se: antigas).

v) Machados de pedra de Castendo:

Os tres machados de pedra que por ocasião da minha excursão me ofereceu o Rev.<sup>o</sup> José de Almeida e Silva, e a que aludi n-*O Arch. Port.*, III, 108, vão copiados nas figs. 126, 127 e 128



Fig. 127



Fig. 128



Fig. 129



Fig. 130

(desenhos de Ruy Pacheco): o 1.<sup>o</sup> (do Pindo) é de fôrma irregular, secção eliptica (num sitio) e circular (noutro sitio), tem partido o tópo oposto ao gume, e mede de comprimento 0<sup>m</sup>,23; o 2.<sup>o</sup> (do mesmo lugar do Pindo) é de secção oval, tambem com o tópo quebrado, e mede de comprimento 0<sup>m</sup>,19; o 3.<sup>o</sup> (da Moradia) é de secção eliptica, fôrma geral de chifre de boi, tem o tópo levemente esmoucado, e mede de comprimento 0<sup>m</sup>,185. Ao centro do machado n.<sup>o</sup> 1 há como que uma cintura irregular, moderna, porque o objecto serviu pendurado, talvez como peso.

x) Machados de bronze:

Nas figs. 129 e 130 representam-se dois machados de bronze adquiridos, um em Castendo, por oferta do S.<sup>or</sup> Professor Adelino (mede de comprimento 0<sup>m</sup>,025), o outro em Sátão, na feira do Ladario (mede de comprimento 0<sup>m</sup>,215). Ambos são de meias canas, e de argolas laterais: no primeiro o bôrdo inferior da meia cana fôrma

uma curva; no segundo fórma uma recta; além d'isso abaixo da terminação da meia cana do último há uma nervura vertical e ornamental que occupa uns  $\frac{4}{5}$  do comprimento d'esta parte do machado, e termina em disco.—No Museu Etnologico guardam-se outros machados do Centro e do Norte do país (ou de meia cana ou de alvado), tambem com nervura media, embora de diversos feitios.

#### 111. Moeda barbara de ouro <sup>1</sup>

Numa ourivezaria de Faro vi uma moeda barbara de ouro, achada no Monte de Alportel, em S. Brás de Alportel, a qual tinha no anverso um busto, e as seguintes letras: LIYYIIIDVSPC † e no reverso uma cruz sobre tosea peanha ou degraus, e as seguintes letras: SPALLCVMDOOPILNI †.

É de Leovigildo, de *Hispalis*.

#### 112. Inscrição medieval de Tavira

Em Tavira copiei de uma pedra, pertencente ao S.<sup>or</sup> Capitão Mimoso, de Caçadores 4, a seguinte inscrição, de letra uncial:

DON DEONIS : PELA GRACIA : DE  
 DEVS : REY : DE PORTVG  
 AL : ET DO ALGARVE : EN ER  
 A : DE : MIL : E CCC : E XXXI : A  
 5 : NO : MÃO DO : AZER : OPORTA  
 L : DA ALCACEVA : DO CASTE  
 LO : DE TA'IRA : APERO D'GIZ : DA  
 : SEV

Não tenho mais indicações na carteira onde fiz a cópia, nem conservo de memoria a pedra; mas a penúltima palavra da linha 7.<sup>a</sup> não estará exacta, e na última linha devem faltar palavras. A palavra *gracia* e a palavra *mando* («mandou»), bem como o *n* de *don* e de *en* podem fazer crer que quem gravou a pedra seria de nação hespanhola.

<sup>1</sup> As noticias constantes dos n.<sup>os</sup> 111 a 126 d'estas «Coisas Velhas» foram colhidas durante uma excursão que fiz pelo Algarve e Alentejo em fins de Dezembro de 1896 e comêços de Janeiro de 1897. Extráio-as das minhas carteiras LXVII e LXVIII.

## 113. Castro Marim

No terreno abrangido pelos muros do castelo encontram-se varios restos de ceramica romana, tais como asas de anforas, cacos arretinos, tejos grossos quadrados, pedaços de tegulas. Eu mesmo encontrei um *pondus* de barro.—Todo o castelo está em ruinas. A povoação de Castro Marim foi primeiro ai dentro, e há pois tambem no recinto ruinas de casas portuguesas.—Vi lá um fuste de calcareo, e, um, segundo parece, fragmento de capitel da mesma substancia: talvez igualmente cousas romanas.

As antigualhas romanas denunciam *Baesuris*; cf. *Religiões*, II, 14.

Disseram-me que num sitio chamado *Cerro da Cova do Mouro*, ao pé de Castro Marim, havia Estacio da Veiga explorado uma sepultura, feita de pedras a pino, muito grandes, com tampa de diferentes pedras, e que estava coberta de terra: na exploração achou uma «serrinha de pederneira», ossos e pucarinhos «com enfeites», isto é, ornamentados. Vê-se que isto são cousas prehistoricas.

No sitio do *Enterreiro* appareceram, segundo me disseram, muitas pedras-marmores avulsas, que tinham por baixo ossos «que se desfaziam ao ar». Em vez de pedras-marmores seria talvez melhor dizer simplesmente «pedras de calcareo», que eram sem dúvida tampas de sepulturas.

## 114. S. Bartolomeu de Castro Marim

Num campo dos suburbios de S. Bartolomeu de Castro Marim appareceu por 1890 um machado de pedra polida, que me foi oferecido pelo S.<sup>or</sup> Tomás Joaquim da Silva, por intermedio do meu, hoje falecido, amigo Sousa Rocha.—Acêrca de Sousa Rocha vid. *O Arch. Port.*, v, 247, e iv, 336.

No sitio da Fornalha appareceram mós romanas.

## 115. Fazenda do Maudinheiro

A fazenda do Maudinheiro (na pronúncia popular *Mudinheiro*) é um vasto terreno plano, que fica situado no concelho de Castro Marim, perto do *monte* da Fornalha, e é atravessado pelo ribeiro, ou *barranco*, da Silveira. Vid. a planta junta (esbôço), fig. 131.

Em cima, num cerro, para o NE., appareceram muitas antigualhas: rebolos de pedra, loiça grossa com e sem ornatos, dois pregos de cobre ou bronze (perdidos), pedaços de *opus Signinum* ou formigão,



Na encosta septentrional do mesmo cerro escavou o dono da propriedade várias sepulturas, que tinham, me disse ele, esta configuração, fig. 132: e pouco mais de 1 metro de comprimento. Uma das pedras arrancadas da sepultura media, como verifiquei:  $0^m,64 \times 0^m,73$ . Pela fazenda toda havia dezenas de sepulturas como esta. Provavelmente sepulturas romanas.

Ao pé da Fornalha, que péga com o Maudinheiro, encontraram-se pedaços de tegulas.

Noutro cerro, que chamarei 2.º cerro, achei muitos cacós grossos e restos de vasos; não achei tégulas, mas sim tejos romanos.

Na encosta de outro cerro, logo adiante, escavou o dono do terreno três sepulturas de que extraí as pedras (uma de  $0^m,82 \times 0^m,54$ ); as sepulturas não continham nada. Este terreno pertence a João Vicente Rodrigues, de S. Bartolomeu de Castro Marim.

Entre o barranco do Oiro e o barranco da Silveira, ao Norte do monte ou casa do Maudinheiro, havia três sepulturas que tinham sido

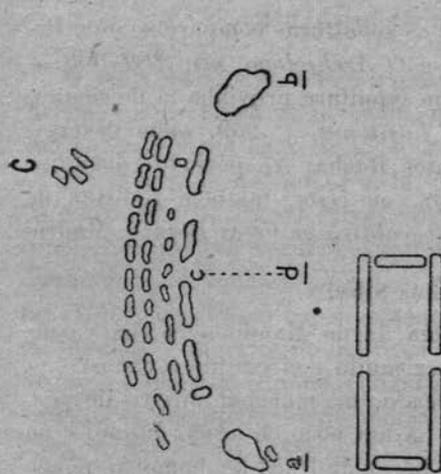


Fig. 133

Fig. 132

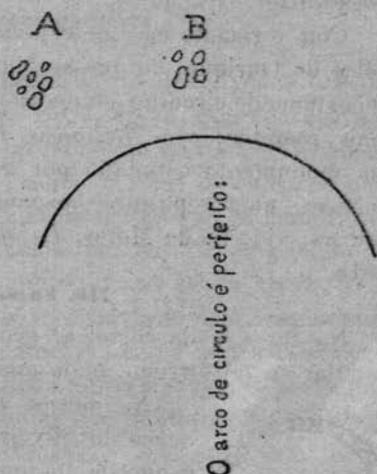


Fig. 134

mexidas: uma das pedras (xisto) media  $1^m,14 \times 0^m,47$ ; outra,  $0^m,58 \times 0^m,60$ ; outra,  $0^m,56 \times 0^m,54$ . Acharam-se aí ossos partidos, e terra queimada, com carvões. Este terreno pertence a João Vicente Júnior, de S. Bartolomeu de Castro Marim. — Junto das sepulturas do terreno de João Vicente Júnior vi três fiadas de pedras que formavam arcos de circulo concentricos, de  $1^m,33$  de raio, fig. 133-134. As pedras estavam postas de cutelo. Entre a 1.ª e a 2.ª fila havia umas pedras que serviam de cunha. A 2.ª e 3.ª filas estavam mais unidas que a 1.ª e 2.ª. Não sei se o semi-circulo fechava, porque o terreno fóra d'ele

era declivado, e poderia, se aí houvesse pedras, tê-las arrastado a agoa da chuva: todavia as pedras estavam muito firmes, e o haver nas duas extremidades pedras maiores (*a, b*) que as restantes pode fazer supor que não existia circulo. Logo para baixo o terreno era agriculturado; o semi-circulo ficava ainda no que estava inculto. Em A B e C havia ruínas de sepulturas. Quem as viu ainda inteiras disse que eram caixas pequenas, e que lá não cabia deitado um corpo de homem, nem de cócoras. O meu informador acrescentou que «elas tinham geito» de só dentro haverem recebido ossos descarnados. As sepulturas do grupo A eram cinco ou seis. Sobre os ossos estava às vezes uma coveira; outras vezes estava ao lado; e uma tigelinha ao pé. Estacio da Veiga explorou, como me informou o dono, algumas das sepulturas; o dono explorou outras, e encontrou dentes humanos e uma lamina de cobre ou bronze, e contas azues (ou verdes?). Efectivamente Estacio, *Antiquidades do Algarve*, IV, 114 e 120, refere-se a sepulturas da idade do cobre no sitio do Maudinheiro.—Dos grupos B e C nada posso dizer especial.

Com o recinto em que estavam as sepulturas compare-se o de Panoias de Ourique, de que se falou n-*O Archeologo*, XIII, 302-303.—O costume de circuitar de pedra uma sepultura provinha já de tempos mais remotos: vid. *Religiões da Lusitania*, I, 269, onde descrevi um monumento estudado por Santos Rocha. Ao periodo calcolítico pertence uma sepultura hespanhola, ou *cista*, também rodeada de pedras: vid. F. de Motos, *La idade neolitica en Velez Blanco*, Madrid 1918, p. 72.

#### 116. Fazenda da Silveira

Na *fazenda* da Silveira, proxima da do Maudinheiro, há varias ondulações de terreno, onde aparece muito pedregulho e cacos.

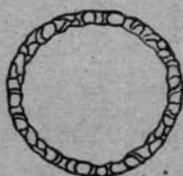


Fig. 135

Na mesma *fazenda*, na margem direita do *barranco* da Silveira, há um poço de agua, antigo, e na esquerda, há umas bôcas de 1<sup>m</sup>,81 de diametro, pouco mais ou menos, feitas de argamassa grossa (barro e caquinhos: *opus Signinum*): mandei cavar, acharam-se pedras de cal, meias cozidas, do que se conclue que isto eram, como aqui dizem, *caleiras* (fornos de cal, de curtas dimensões): fig. 135. A certa altura appareceu agua.

#### 117. Val do Bôto

Na *fazenda* do Val do Bôto há um alto que foi habitado pelos Lusitano-Romanos, pois aí apparecem muitos alicerces de edificações, muitos fragmentos de tegulas e de imbrices, moedas romanas, de que vi um

bronze mediano de Tiberio, pedaços, que também vi, de *opus Signinum*, e beiras de vasos de barro.

Na encosta e campo vizinho, em grande extensão, há inumeros cacos romanos: o que prova que aquela zona foi séde, não de uma casa, ou de uma *villa* (em sentido latino), mas de uma povoação.

Proximo do Val do Bôto appareceu uma moedinha arábica de prata.

#### 118. Sequência arqueologica

Tomando em conta a olaria lusitano-romana do sitio dos Olhos (frêguesia de S. Bartolomeu de Castro Marim), de que falei n-*O Archeologo*, IV, 336, temos seguidamente antiguidades nestes locais: Olhos, Fornalha, Maudinheiro, Silveira, Val do Bôto e S. Bartolomeu de Castro Marim,—antiguidades de diferentes eras: prehistorica, romana (acaso romano-visigotica) e arabica. O Algarve é um manancial!

#### 119. Cemiterio romano da Horta

O sitio da Horta, entre a *fazenda* da Torre dos Frades e a do Arrife, é um campo de lavradio, onde me disseram que appareceram muitas sepulturas com ossadas, que ao contácto das mãos de quem as remexia se desfaziam. Fui lá, e vi ainda tabulas de calcareo que de certo constituíam as caixas. Informaram-me de que as sepulturas eram cobertas por tegulas, que formavam uma especie de telhado de duas aguas, de certo analogo ao que publiquei nas *Religiões*, III, 372, fig. 159.<sup>a</sup>, de *Balsa*. Efectivamente *in loco* havia muitos fragmentos de tegulas, e também de imbrices ornamentados (os imbrices deviam firmar em cima as tegulas, como na citada figura).—Foi ao pé d'estas sepulturas que appareceu a candeia arabica que publiquei n-*O Archeologo*, V, 248, e VII, 119; cf. também V, 247.

#### 120. Olaria lusitano-romana (?) da Manta Rôta

Na Manta-Rôta, que fica por esses sitios, e onde Estacio da Veiga colheu várias antigualhas que hoje estão no Museu Etnologico, apparecêra em 1895, segundo me informaram, um «forno de loiça», e bem assim anforas e candeias de barro. Os trabalhadores quebraram muita cousa, mas parece que ainda ficaram cousas enterradas.—De uma olaria lusitano-romana de S. Bartolomeu falei, como já disse, n-*O Archeologo*, IV, 336. Não seria pois estranho que houvesse outra na Manta-Rôta.

## 121. Candeia arabica de Cacela

A candeia arabica que publiquei n-*O Archeologo*, VII, 120, fig. 3, e que eu disse era proveniente de Cacela, appareceu na Quinta da Fidalga, d'essa frêguesia. Ai por Cacela apparecem tambem ás vezes moedas arabicas, de que vi uma (metade), que me ofereceram, por intermedio do Rev.<sup>do</sup> Jacinto Augusto Quintino, então (1896) Prior de Cacela (hoje é Prior de C. Marim).

## 122. Outras antigualhas de Cacela

Junto da Igreja de Cacela, em frente da porta da fortaleza, há um tanque romano rectangular, forrado de *opus Signinum*, e em parte aterrado. Um dos lados menores, descoberto, mede 2<sup>m</sup>,12. Junto da fortaleza, que fica á beira mar, há vestigios de mais dois tanques, contiguos um ao outro, e tambem rectangulares. Eis um esboço: fig. 136. Um d'elles está coberto de cal romana, o outro já sem ela.—Estes tanques deviam servir para salgar peixe: cf. *Religiões*, III, 185.

Na área em que jaz a actual Cacela devia ter assentado uma importante povoação romana,—tantos são os vestigios que nela ainda restam da vida do povo-rei! Alem do que fica apontado, vê-se, ou acha-se, por lá o seguinte: na base da muralha da fortaleza porções de *opus Signinum*; um fuste de columna em uma porta de uma casa; fragmentos de tegulas e de tejos (cilindricos, e de forma de quarto

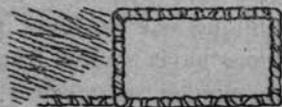


Fig. 136

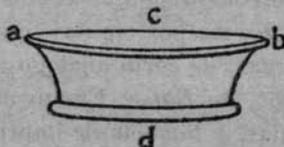


Fig. 137

de circulo); marmores em paredes de casas, ou soltos; moedas *passim*. Conta a tradição que o mar se adiantou, e se descobriu ou descobre dentro d'ele um pço e alicerces de edificios. Acerca de mudanças de nivel do oceano nas nossas costas, cf. *O Arch.*, x, 193-194 (P. Choffat), e *Sur les macrosimes de l'Algarve* de Pereira de Sousa, Paris, s. d., fig. 2. Mais diz o povo que Cacela fôra outr'ora tão grande, que três ferradores que lá havia, em diversos pontos da povoação, não se ouviam entre si, quando estavam martelando o ferro.

## 123. Antigualhas da Torre d'Ares

Na posse do S.<sup>or</sup> Sebastião Estacio, de Tavira, vi uma taça de vidro, que vai esboçada na fig. 137: diametro 0<sup>m</sup>,15; altura 0<sup>m</sup>,041. Apareceu na sua Quinta da Torre d'Ares (Balsa).

Nessa quinta tinham ultimamente aparecido muitas coisas romanas, alem da taça de vidro: instrumentos agrarios, de ferro, bolas ou *glan-des*, telhas ornamentadas (*imbrices*), lucernas de barro, moedas, pre-gos, e uma lapide com um fragmento de inscriçao que publiquei n-*O Archeologo*, v, 175.

#### 124. Mertola

I. Informaram-me no Algarve que ao pé do *monte* de Alcaria-Longa, frèguesia de S. Miguel do Pinheiro, concelho de Mertola, havia alicerces de «casas dos Moiros», e que a esse respeito diz o o povo:

Entre Longa<sup>1</sup> e Galo<sup>2</sup>  
Stá o coiro do boi-bragado<sup>3</sup>  
Atado pelo rabo,

versos que constituem uma especie de roteiro tradicional, de que já por vezes tenho falado noutros escritos, por exemplo, n-*O Arch.*, XIX, 312.—Já se vê que o boi de que se aqui fala é *d'oiro*.

#### II. Notas tomadas em Mertola:

a) Num entulho, ao pé das muralhas do castelo, encontrei cacos romanos (asa de anfora, fragmentos de tegulas, de imbrices e de ladrilhos) e um caco arabigo ornamentado.

b) Na muralha do castelo, do lado do quintal do S.<sup>or</sup> Manuel Gomes, há varios marmores esculpturados, e pedras de sepulturas cupiformes. Parte d'isso veio depois para o Museu Etnologico.—Pelo quintal aparecem tegulas partidas, asas de vasos e tejos.

c) Numa rua vi uma mó de granito, de uns 0<sup>m</sup>,50 de diametro, certamente romana. Coisas romanas aparecem a cada passo: ás portas das casas ha poiais feitos de colunas; pelas ruas vários materiais de construção, como os de que falei no § a: ladrilhos rectangulares grossos, imbrices, tegulas.

d) Noutra rua vi uma cabeceira de sepultura cristã, de um dos tipos que publiquei nas *Coisas velhas*, n:º 3, a qual tinha de um lado,

<sup>1</sup> Isto é, Alcaria-Longa.

<sup>2</sup> *Monte*, ou casa de herdade, de Manuel Galo, onde tambem aparecem «coisas dos Moiros».

<sup>3</sup> Ou *bargado* (que tambem se diz), isto é, com *bargadelas* ou malhas de di-versas côres (brancas, etc).

em cima, esculpida a cruz de Cristo, e do lado oposto parece que uma charrua (a pino): figs. 138 e 139.

e) O castelo de Mertola está todo em ruínas: apenas uma torre em sofrível estado de conservação, com uma inscrição portuguesa sobre a porta, a qual foi copiada por Estácio da Veiga no seu livro intitulado *Antiquidades de Mertola*, Lisboa 1880. Por todos os lados as muralhas têm pedras de marmore e de granito, que pertenceram a edificios romanos. Já no § *b* notei algo d'isto.—Do castelo, que fica em um alto, e domina a vila toda, disfruta-se o melhor panorama de Mertola, que é o do lado

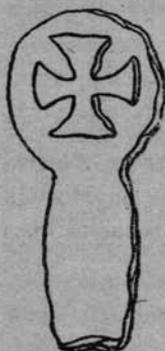


Fig. 138



Fig. 139

da estrada do Algarve, cortada por uma ponte sobre o rio ou ribeira de Oeiras, que deságôa no Guadiana.—As antigas muralhas da vila existem ainda em parte, e nelas algumas ameias, por vezes um tanto derrocadas.

\*

Em Mertola prestou-me muitos serviços, que reverteram para o Museu Etnologico, o S.<sup>o</sup> João Manuel da Costa, então Secretário da Camara, hoje aposentado. Já tambem a ele me referi n-*O Arch. Port.*, v, 239-241<sup>1</sup>.

O mais que poderia dizer de Mertola reservo-o para um artigo especial que tenciono consagrar á antiga cidade lusitanica chamada *Myrtilis*.

### 125. Cela

Parti de Mertola para Beja em 3 de Janeiro. Á direita da estrada, a 1 hora de Mertola (em trem), fica a herdade da Cela, aonde fui. Diante da casa há um gradeamento: uma das pedras da portada é uma sepultura cupiforme, de marmore, que, por estar rebocada, e com a convexidade para baixo, não sei se teria inscrição; outra pedra é uma base de coluna, tambem de marmore. No terreiro, junto da portada, vi no chão duas bases de colunas, igualmente marmo-

<sup>1</sup> Depois de escrito isto, chegon-me noticia de que o S.<sup>o</sup> Costa falecêra. Era pessoa muito querida na terra, e sabedora da historia de Mertola. A sua morte representa pois uma perda para a vila.

reas. Tudo isto fôra de Mertola para ali.—O dono da herdade, o D.<sup>o</sup> Fabricio Pessanha, tempos depois que ali tornei a passar prometeu-me a *cupa* sepulcral para o Museu Etnologico.

### 126. Falcões e Salvada

Na herdade dos Falcões, frèguesia de Santa Clara de Louredo, concelho de Beja, há, segundo me informaram, «muitos edificios da Moirama», isto é, restos de edificios antigos, provavelmente romanos.

Informaram-me tambem que ao sair do povo da Salvada, no mesmo concelho, existem algumas pedras com letras, que tapavam sepulturas.

### 127. Coimbra

Tendo estado em Coimbra no Entrado de 1897, vi no Museu do Instituto (hoje transferido para o Museu de Machado de Castro), a seguinte marca figulina no fundo de uma lucerna romana, fig. 140, que deve interpretar-se por *L. Caecilii Sae(cularis)*, nome do oleiro, que aparece talvez em uma lucerna de Hespanha,—vid. *Corpus*, II, 4969—13.



Fig. 140

Numa das galarias do Museu Antropologico da Universidade existe, ao lado de varios instrumentos prehistoricos estrangeiros, uma colleção de objectos da mesma epoca, achados em Portugal:

a) facas e setas de sillex, um percutor, e dois machados: tudo do concelho da Figueira (estações archeologicas do Arneiro, do Lirio, do Facho, do Cabeço dos Moinhos),—oferta do D.<sup>o</sup> Santos Rocha;

b) treze instrumentos neoliticos, dos chamados «machados», de Campo Maior,—oferta de Daniel Filipe dos Santos;

c) um fragmento de machado de sillex, encontrado em S. Pedro da Cova, no leito do ribeiro da Murta, em 1891, e um fragmento de machado polido, encontrado perto da Murtinheira e do Cabo Mondego em 1860;

d) dois machados de bronze, um de argolas (estando uma quebrada), outro sem argolas: não tem indicação de proveniencia, mas pareceram-me de Portugal.

Na mesma galaria ha colares de dentes de mamiferos, usados pelos Indios do Amazonas (Brasil): dois dos colares são de dentes de porco, afeiçãoados e com orificio do lado da raiz. Ha outro colar de sementes de «uapuhu»: estas sementes assemelham-se a dentes (e d'aí o seu uso?). Ha outro colar de dentes incisivos de macacos,

pertencentes aos Indios Parintitius (Brasil).—Nas *Religiões da Lusitania*, I, 120 sgs., juntei bastantes exemplos do uso de dentes como amuletos. Os colares que mencionei pertencem certamente a essa classe.

### 128. Condeixa-a-Velha

Na mesma ocasião em que estive em Coimbra, fui a Condeixa-a-Velha, de visita ás ruínas de *Conimbriga*.

Na Atadôa, ao pé de Condeixa-a-Velha, vi em poder do D.<sup>or</sup> Alberto Martins de Carvalho um fragmento de lapide em que

G T V L I  
Q V A D R A T

Fig. 141

se lia o que se vê na fig. 141, inscrição já publicada no *Corpus*, II, 6275, segunda lição de Borges de Figueiredo. Depois do G, inicial de *G(aio)*, ha porém em cima uma curva, que poderá considerar-se sinal separativo. Ordinariamente estes sinais, nas nossas inscrições, são circulares, triangulares ou de fôrma de *hedera*; mas ás vezes na Epigrafia ha singularidades, e aqui teremos uma. Outras explicações occorrem, porém não vale a pena gastar mais tempo com cousa tão humilde.—O texto, depois de restauradas as letras que faltam, dizem: *G(aio) Jul[io] Quadrat[us]*, como já Figueiredo sem dificuldade nenhuma tinha assentado. A inscrição é honorifica.

Em Almedina ou «Cidade dos Mouros», sitio ao pé de Condeixa-a-Velha<sup>1</sup>, tinham apparecido, pouco antes da minha visita, duas sepulturas de pedras toscas, postas de cutelo; continham esqueletos, um que o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Benardino Machado, então Lente de Antropologia na Universidade de Coimbra, levava para o Museu Antropologico, outro que se escangalhou.

Pela povoação de Condeixa vi moedas de cobre de varios imperadores romanos, de Licinio e Gordiano.

### 129. — Agualva (Setubal)

Informou-me em 1897 o hoje falecido Manuel Maria Portela, escritor setubalense, que na herdade da Agualva, frêguesia de S. Pedro de Marateca, tinham apparecido em tempo, em escavações, antigualhas romanas, que foram outra vez soterradas.

<sup>1</sup> Cf. *Arch. Port.*, IV, 305.

## 130.—Grandola

O Sr. Jules Philippe conhece, segundo me disseram em 1897, uma lapide cylindrica, com inscrição arabiga, achada no Canal de Grandola, e pertencente ao Sr. J. Champalimaud.

## 131.—Antigualhas de S. Mamede de Obidos

Em um sítio appareceu um denario, com DIVVS M AN. .ONINVS PIVS, busto á direita, e no reverso CONSECRATIO, aguia, etc.

Detrás de S. Mamede appareceram mais objectos que eu de lá trouxe em 1897:

1) um pedaço de cano grosso, do feitio de imbrice, envólto externamente em argamasas, como se vê do esbôço junto (fig. 142 e 143);



Fig. 142

2) um *pondus* de barro;

3) um pêso de ferro, que teve uma argola de suspensão, a qual se quebrou (resta no pêso o sítio em que se fixava);

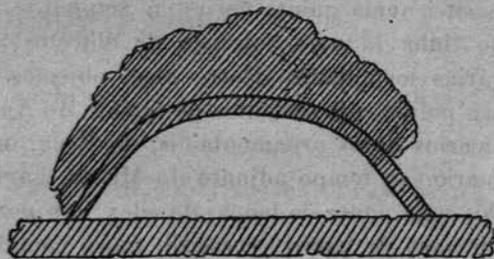


Fig. 143

4) um instrumento de ferro, de fôrma de martelo encabado;

5) uma moeda romana de bronze.

Com estes objectos tinham apparecido outros, tais como: duas asas de anfora e parte dum gargalo; um pedaço de ladrilho; cascas de ostras.

Por toda a área de S. Mamede se encontram a cada passo antigualhas, já romanas, como estas de que estou falando, já mais antigas, e até ha na frêguesia uma estação prehistorica que está bem representada no Museu: vid. *Historia do Museu Etnologico*, p. 182.

## 132.—Olho-Marinho

O serrador Florencio Tereso, de Olho-Marinho (Obidos), possui um campo nas *Cezaredas* (i. é, na serra da Cezareda), onde, ao fazerem-se escavações agrarias, apparecem frequentemente machados de pedra, e cacos de caracter antigo. Em 1897 obtive em Olho-Marinho alguns machados de pedra e de cobre achados perto das *Cezaredas*. Toda a região é rica de achados desta especie, e de lá tenho trazido para o Museu muita cousa.

## 133.—Adão-Lobo e Panoias

Em Adão-Lobo (Cadaval) ouvi chamar aos pesos de tear *consciencias*. Numa charneca ao pé d'esse lugar appareceu um de pedra, com orificio biconico, analogo ao dos objectos prehistoricos. O pêso tinha o aspecto geral indicado pela fig. 144, e o orificio vai representado na fig. 145. Em 1908 obtive para o Museu um pêso, tambem de pedra, em Panoias de Ourique, o qual tem igualmente orificio biconico (n.º de entrada 1634).

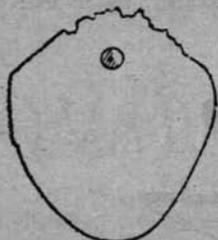


Fig. 144



Fig. 145

## 134.—Colecção archeologica

Em 1897 visitei numa quinta ao pé de Setubal o Sr. Arronches Junqueiro, que tinha lá uma collecção de objectos archeologicos, achados em varias localidades. Entre esses objectos vi: cinco machados de pedra polida, provenientes da Quinta do Anjo, da Rotura, e dos Barris; varios cacos ornamentados, da Pena, onde o Sr. Maximiano Apolinario, ao tempo adjunto do Museu, havia feito explorações em 1896; uma ponta de lança, de silex; um *pondus* de barro, de Alcacer; um vaso de barro grosseiro, quasi completo; um fragmento de anfora, e testo de barro, tudo de Troia; uma anfora, quasi inteira, de Grandola; pedaços de cano (*fistula*), de barro, apparecidos na quinta de S. Romão (Setubal) com pedras de *opus Signinum*; ladrilhos provenientes da mesma quinta.—O Sr. Junqueiro referiu-se já a algumas d'estas antigualhas n-*O Arch. Port.*, VII, 176 sgs.

Os tastos de que acima falei (*opercula*) eram provavelmente de anforas; pelo menos adaptam-se-lhes ás vezes, como pode ver-se no Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde existe uma anfora, porvida de tasto, comprada por mim para lá, ha muitos anos, em um leilão. Não é muito raro encontrar no Sul tastos

d'estes; no Museu Etnologico guardam-se alguns, tambem de Troia, por exemplo um que vai desenhado na fig. 146.

**135.—S. Pedro de Sintra**

Numa quinta em Sintra, ao pé de S. Pedro, appareceram em 1897 várias moedas imperiais romanas de bronze, de Constante, do tipo empiricamente chamado «bronze mínimo», ou de 3.<sup>a</sup> grandeza, divisão do asse: uma d'elas tinha SECVRITAS REIP no reverso.

**136.—Lucerna cristã de Troia**

Tendo estado em Setubal, em 1897, vi nas mãos do Sr. Fragoso uma lucerna de barro vermelho, de tipo cristão, com o *crismon* no an-

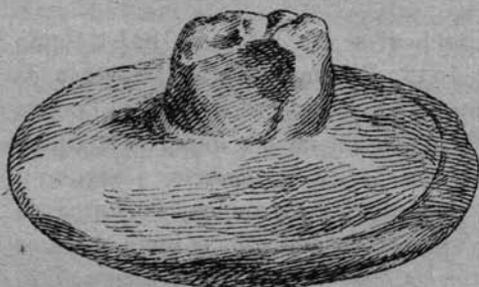


Fig. 146

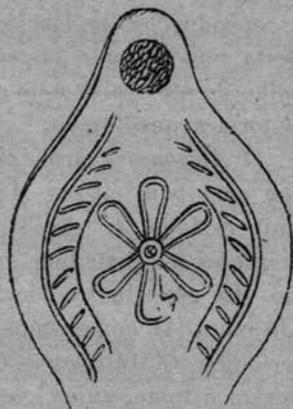


Fig. 147

verso, achada havia quatro anos nas areias de Troia, que ficam em frente da cidade. Vid. fig. 147.

**137.—Dolmen de Vilarinho da Castanheira**

Em Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Anciães, ha um dolmen chamado *Cova da Moira*. Diz a lenda que na noite do S. João vem a Moira dançar dentro d'ele: quantas voltas a Moira dá, tantas dá a tampa do dolmen, a qual se vê mexer, acompanhando o movimento da Moira, que dança por baixo.—Ouvi isto em 1897.

**138.—Moedas arabicas**

Em Casével (Alentejo) appareceram por 1897 moedas arabicas de prata. Disseram-me que adquirira algumas o Sr. Antonio Revés.